

DESAFIOS NA DESCRIÇÃO DE PALAVRAS GRAMATICAIIS DO PONTO DE VISTA DA SEMÂNTICA LEXICAL E DA (META)LEXICOGRAFIA

CHALLENGE IN THE DESCRIPTION OF GRAMMATICAL WORDS FROM THE POINT OF VIEW OF LEXICAL SEMANTICS AND (META)LEXICOGRAPHY

Virginia Sita Farias¹

RESUMO: Este artigo trata do problema da descrição semântica de palavras gramaticais do ponto de vista da semântica lexical e da (meta)lexicografia. Os objetivos são: (1) demonstrar a insustentabilidade de uma oposição estrita entre “expressões com significado” e “expressões sem significado” e avaliar as consequências disso na seleção da metalinguagem a ser empregada na redação das paráfrases explanatórias; (2) traçar um panorama geral dos mecanismos explanatórios aos quais se recorre para definir as palavras gramaticais nos dicionários semasiológicos; e (3) propor os fundamentos de um modelo metalexigráfico para a descrição semântica das palavras gramaticais. O panorama do estado da arte sobre a descrição lexicográfica de palavras gramaticais é resultado da análise dos dados recolhidos em dicionários de inglês, alemão, francês, italiano, espanhol e português, com base nos princípios teóricos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Metalexigrafia e Lexicografia. Os resultados revelam o emprego aleatório de mecanismos explanatórios na descrição do significado das conjunções. As deficiências detectadas nos dicionários decorrem de uma evidente lacuna na teoria (meta)lexicográfica, mais especificamente, em relação a uma teoria da definição lexicográfica.

PALAVRAS-CHAVE: (meta)lexicografia; semântica; dicionários semasiológicos; definição; palavras gramaticais.

ABSTRACT: This paper deals with the problems inherent in the semantic description of grammatical words from the point of view of Lexical Semantics and (Meta)lexicography. The aims of this paper are: (1) To demonstrate that an opposition between “meaningful” and “meaningless expressions” *stricto sensu* does not hold, and to evaluate its consequences for the selection of the metalanguage that should be used to write the explanatory paraphrases; (2) to draw a general panorama of explanatory mechanisms that dictionary makers use to explain grammatical words in semasiological dictionaries; and (3) to present a proposal of a metalexigraphic model for semantic description of grammatical words. The overview of the state of the art of lexicographical description of grammatical words is the result of an analysis of information provided in Portuguese, Spanish, Italian, French, German, and English dictionaries, based on theoretical principles developed by the Group of Studies and Research on Metalexigraphy and Lexicography. The results show that there are random uses of different mechanisms to explain the meaning of conjunction. The problems found in the dictionaries derive from an obvious gap in the (meta)lexicographical theory, more specifically, referring to a theory of lexicographical definition.

KEYWORDS: (meta)lexicography; semantics; semasiological dictionaries; definition; grammatical words.

¹ Professora Adjunta de Língua Espanhola no Departamento de Neolatinas da Faculdade de Letras da UFRJ. Doutora em Lexicografia e Terminologia pelo PPGLet/UFRGS (2013). E-mail: virginiafarias@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da lexicologia e da semântica lexical, o conceito de *palavra gramatical*, embora muito debatido, ainda está longe de um consenso. Já no âmbito (meta)lexicográfico, a ausência de uma compreensão clara desse conceito afeta diretamente o processo de elaboração das paráfrases definidoras. O problema, portanto, deve ser encarado a partir de duas perspectivas distintas:

- a) Do ponto de vista estritamente semântico, é necessário (i) precisar o conceito de *palavra gramatical* (o que implica, evidentemente, definir o que se deve entender por *significado* no caso das chamadas *palavras gramaticais*), (ii) delimitar o conjunto léxico ao qual se aplica esse conceito e (iii) resolver a questão da multiplicidade designativa para referir-se ao fenômeno em questão.
- b) Do ponto de vista (meta)lexicográfico, por sua vez, o problema assume um duplo viés. Na lexicografia teórica, a questão central é como “encaixar” o problema da definição das palavras gramaticais no âmbito de uma “teoria integral da definição lexicográfica” e, mais amplamente, no âmbito de uma “teoria geral dos mecanismos explanatórios”². Para a lexicografia prática, trata-se de selecionar o(s) mecanismo(s) explanatório(s) mais adequado(s) em cada caso, com base – preferencialmente, embora isto ainda não corresponda à realidade – em um modelo teórico que possa respaldar as decisões do compilador do dicionário.

Tendo em vista o exposto, os objetivos deste trabalho são:

- a) no âmbito da lexicologia/semântica lexical, avaliar a distinção tradicionalmente estabelecida entre *palavras lexicais* e *palavras gramaticais* e sua relação com a teoria e prática lexicográficas.
- b) no âmbito da lexicografia prática, esboçar um panorama geral do estado da arte na prática lexicográfica em relação ao tratamento das palavras gramaticais, a partir da análise de verbetes de conjunções – consideradas, tradicionalmente, como palavras gramaticais – em dicionários de inglês, alemão, francês, italiano, espanhol e português.
- c) no âmbito da lexicografia teórica, a partir dos resultados obtidos mediante a análise realizada, apresentar os fundamentos de um modelo metalexográfico para a descrição de palavras gramaticais em dicionários semasiológicos.

Visando cumprir os três objetivos propostos, o presente artigo está estruturado em três partes. A seção 2 está dedicada à discussão dos conceitos de *palavra lexical* e *palavra gramatical* e seus limites tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista (meta)lexicográfico. Considerando a insustentabilidade de uma oposição estrita entre *palavra lexical* e *gramatical* e suas

² A esse respeito, cf. Farias (2013). Voltaremos a essa questão oportunamente ao longo do trabalho.

consequências na prática lexicográfica, a seção 3 apresenta um panorama geral do estado da arte na prática dicionarística. A metodologia consiste na avaliação dos dados recolhidos em verbetes de conjunções à luz dos princípios teóricos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Metalexigrafia e Lexicografia. A partir da constatação dos problemas atinentes à descrição semântica das palavras gramaticais nos dicionários de língua postos sob análise, a seção 4 propõe os fundamentos de um modelo metalexigráfico para a descrição de palavras gramaticais em dicionários semasiológicos, no âmbito de uma “teoria geral dos mecanismos explanatórios”, e, mais amplamente, de uma “teoria lexicográfica integral”. Por fim, no fechamento do artigo, as considerações finais retomam e sintetizam o problema, analisando-o do ponto de vista lexicológico/semântico e (meta)lexicográfico.

Ressaltamos, ainda, que este estudo condensa e (re)avalia os resultados obtidos em Bugueño Miranda & Farias (2011) e Farias (2014a), constituindo uma versão revisada e estendida de Farias (2015b)³. A pesquisa, por sua vez, vem sendo desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Metalexigrafia e Lexicografia⁴.

2 A OPOSIÇÃO *PALAVRAS LEXICAIS* / *PALAVRAS GRAMATICAIS*

Adotamos, neste estudo, as designações *palavras lexicais* e *palavras gramaticais*, fazendo-as corresponder, respectivamente, às designações *expressões que significam* e *expressões que não significam*, mais polêmicas que as primeiras, empregadas em trabalhos anteriores (cf. BUGUEÑO MIRANDA & FARIAS, 2011; FARIAS, 2014a). A oposição entre *palavras lexicais* e *gramaticais* forja-se no âmbito dos estudos lexicológicos tradicionais com base na distinção entre “significado lexical” e “significado categorial” (cf. COSERIU, 1978). Bußmann (2008, s.v. *Autosemantikum*), no entanto, adverte que essa distinção é insustentável. É tal a dificuldade de se defender uma oposição estrita entre “expressões com significado” e “expressões sem significado”, que não existe sequer um consenso em relação à conceituação de ambos os fenômenos. Os critérios amplamente empregados para a classificação das unidades léxicas em “expressões que significam” e “expressões que não significam” – conforme o exposto *ad infra* – sobrepõem-se uns aos outros em alguns casos ou são completamente divergentes em outros:

³ Em Farias (2015b), dadas a natureza e as circunstâncias de publicação, não foi possível apresentar os resultados integralmente e discuti-los exaustivamente, como nos propomos a fazer na presente ocasião.

⁴ O Grupo de Estudos e Pesquisas em Metalexigrafia e Lexicografia – sediado na UFRGS – é liderado pelo Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño Miranda e integrado por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras. Para maiores informações sobre o grupo de pesquisa e seus colaboradores e acesso à produção bibliográfica, cf. <http://www.ufrgs.br/metalexigrafia>.

- a) oposição entre significado lexical e significado categorial (cf., p.ex., ZGUSTA, 1971; LUTZEIER, 1985; MATTHEWS, 1997; PALMER, 2001; CRYSTAL, 2001; HARTMANN & JAMES, 2001; BECHARA, 2006);
- b) oposição entre palavras com significado léxico autônomo (independente de um contexto) e sem significado léxico autônomo (dependente de um contexto) (cf., p.ex., BUßMANN, 2008; GLÜCK, 2010; ULRICH, 2002);
- c) oposição entre palavras que podem constituir núcleo de sintagma e palavras que não podem constituir núcleo de sintagma (cf., p.ex., GLÜCK, 2010; ULRICH, 2002);
- d) oposição entre palavras que relacionam a língua com a realidade extralinguística e palavras que relacionam a língua com ela mesma (cf., p.ex., ZGUSTA, 1971; BORBA, 2003).

A análise dos critérios empregados pelos autores mencionados indica que há um acordo tácito acerca de que substantivos, verbos e adjetivos seriam fortes candidatos a palavras lexicais (ou “expressões com significado”), uma vez que essas classes de palavras, em princípio, exibiriam simultaneamente significado lexical e categorial. Não obstante, Lutzeier (1985) recorda o fato de que o *Duden, Das große Wörterbuch der deutschen Sprache*, em sua edição de 1984, incluía, entre as unidades léxicas dotadas apenas de significado categorial, os verbos modais e auxiliares. Essa é, igualmente, a posição de Glück (2010, s.v. *Synsemantikon*), que considera como palavras gramaticais (ou “expressões sem significado”) as que pertencem às classes fechadas, como artigos, conjunções, preposições e verbos auxiliares. Bußmann (2008, s.v. *Synsemantikum*), por outro lado, enfatiza que “*Synsemantika lato sensu*” são “expressões linguísticas polissêmicas, como o adjetivo *bom/boa*, que apresenta diferentes aspectos do significado, de acordo com o contexto, cf. *A resposta é boa/?seu caráter é bom/o tempo está bom/a comida está boa*”⁵.

A classe dos advérbios, por sua vez, é a que parece menos consensual. Glück (2010) e Ulrich (2002), por exemplo, mencionam os advérbios entre as palavras gramaticais (ou “expressões com significado”). Bußmann (2008), assim como a maioria dos autores, não menciona os advérbios em nenhum dos grupos. Borba (2003, p.46), por sua vez, define as palavras gramaticais como unidades léxicas que podem “indicar quantificação e intensificação, relações espaciais e temporais, referenciação, mostração, identificação, modalização etc.”. Uma definição tão ampla e carente de precisão poderia respaldar, até mesmo, a inclusão dos advérbios entre as palavras gramaticais.

No sentido contrário, a discussão realizada em Bugueño Miranda & Farias (2011) sugere que algumas unidades léxicas tradicionalmente classificadas no grupo das palavras gramaticais (ou

⁵ [polyseme sprachliche Ausdrücke wie das Adjektive *gut*, das je nach Kontext unterschiedliche Bedeutungsaspekte aufweist, vgl. *Die Antwort/sein Charakter/das Wetter/das Essen ist gut*]

“expressões sem significado”) poderiam, sim, apresentar conteúdo semântico. Partindo-se da afirmação de Schifko (1992, p.141-142), segundo a qual o emprego de sinônimos somente é possível nos casos em que há “identidade de significado” [*identidad de significado*]⁶, assumiu-se a sinonímia como um recurso viável para a comprovação da existência de um “conteúdo semântico”.

A identidade de significado pode ser expressa em termos de uma proposição, que, por sua vez, constituiria o *tertium comparationis* da relação sinonímica. A título de ilustração, propõe-se comparar as sentenças *No dijo a qué vino* e *No dijo para qué vino*. O *tertium comparationis* entre as preposições *a* e *para* em ambas as sentenças, respectivamente, é “com que finalidade”. De acordo com o proposto em Bugueño Miranda & Farias (2011), comprovar-se-ia, dessa forma, a existência de um “conteúdo semântico”. Diante dos argumentos arrolados, as classificações tradicionais das expressões linguísticas apresentadas sumariamente *ad supra* perderiam sustentação.

Por fim, do ponto de vista designativo, a variedade de termos propostos para designar as expressões “que significam” e “que não significam” parece acompanhar a dificuldade em relação à descrição e classificação das unidades léxicas. Dentre as designações mais recorrentes na literatura especializada, mencionamos *palavras lexicais/lexemáticas*, *content/full/lexical words*, *Autosemantika*, *Kategorema*, *kategorematische Ausdrücke*, no primeiro caso, e *palavras gramaticais/categoremáticas*, *form/function/grammatical words*, *Synsemantika*, *Synkategorema*, *synkategorematische Ausdrücke*, no segundo caso (cf. LUTZEIER, 1985; HAUSMANN, 1995; MATTHEWS, 1997, s.v. *form word*; s.v. *function word*; s.v. *grammatical word*; s.v. *content word*; s.v. *lexical word*; BUBMANN, 2008, s.v. *Autosemantikum*; s.v. *Synsemantikum*; GLÜCK, 2010, s.v. *Autosemantikum*; s.v. *Synsemantikon*). Tais designações refletem, em certa medida, o ainda mal compreendido panorama sobre a distinção e classificação das palavras de acordo com a natureza do que “expressam” (cf. BUGUEÑO MIRANDA & FARIAS, 2011).

Embora, na presente ocasião, tenhamos-nos atido às designações *palavras lexicais* e *palavras gramaticais* – aparentemente mais difundidas no meio acadêmico brasileiro (cf., p.ex., BECHARA, 2006) –, estamos cientes de que o critério básico que subjaz a todas as propostas de classificação das unidades léxicas e, conseqüentemente, de adequação terminológica é a oposição entre palavras

⁶ Schifko (1992, p.141-142) reconhece, no entanto, que “efetivamente, há bem poucos sememas que coincidem em todos os aspectos (denotação, conotação, frequência, distribuição)” [efectivamente, hay muy contados sememas que coinciden en todos los aspectos (denotación, connotación, frecuencia, distribución)], de modo que “se deve limitar a identidade aos aspectos denotativo e cognitivo, porque, em geral, quando dois sememas designam a mesma classe de referentes, variam em outros aspectos” [hay que limitar la identidad al aspecto denotativo y cognitivo, porque, en general, cuando dos sememas designan la misma clase de referentes, varían en otros aspectos]. Este seria o caso, em espanhol, das designações *pendejo*, *boludo*, *pelotudo* y *huevo* para “[pessoa] pouco inteligente”, que estão marcadas diatópica e diastraticamente. Frente a isso, sugere-se substituir “identidade de significado” [*identidad de significado*] por “similaridade de significado” [*Bedeutungsähnlichkeit*] (cf. BUBMANN, 2008, s.v. *Synonymie*).

providas de conteúdo semântico “autônomo” (ou “expressões com significado”) e palavras desprovidas de conteúdo semântico “autônomo”, cuja função é estabelecer relações entre as palavras com conteúdo semântico “autônomo” (ou “expressões sem significado”). Por essa razão, nos primeiros estudos realizados (cf. BUGUEÑO MIRANDA & FARIAS, 2011; FARIAS, 2013, 2014a) vínhamos optando, respectivamente, pelas designações “expressões com significado/que significam” e “expressões sem significado/que não significam”, que nos pareciam mais precisas para designar o fenômeno em questão.

2.1 O REFLEXO DA OPOSIÇÃO *PALAVRAS LEXICAIS / PALAVRAS GRAMATICAIS* NA (META)LEXICOGRAFIA

No âmbito metalexigráfico, costuma-se estabelecer uma distinção entre paráfrases em metalinguagem de conteúdo/de segundo enunciado e paráfrases em metalinguagem de signo/de primeiro enunciado⁷. As paráfrases em metalinguagem de conteúdo, ou definições próprias, respeitam o princípio de identidade de categoria morfológica e admitem submeter-se à prova da substituição; p.ex.: *merenda* “Refeição leve, entre o almoço e o jantar” (AuE, 2009, s.v., ac.1). As paráfrases em metalinguagem de signo, definições impróprias ou explicações, por outro lado, aparecem normalmente introduzidas por fórmulas definitórias que inviabilizam sua submissão à prova da substituição; p.ex.: *até* “Indica um limite de tempo, no espaço ou nas ações” (AuE, 2009, s.v., ac.1). No que concerne à práxis lexicográfica, portanto, a oposição entre significado lexical e significado categorial afeta, em última instância, justamente um dos princípios basilares da redação de paráfrases definidoras, ou seja, a universalidade da *lei da sinonímia*, segundo a qual a definição deve poder substituir o signo-lema em qualquer contexto, sem que haja alteração de sentido do enunciado⁸. Nesse caso, entende-se sinonímia, evidentemente, de acordo com a teoria clássica da definição, da qual o modelo de paráfrase mais difundido no seio da (meta)lexicografia é herdeiro,

⁷ A terminologia aqui empregada está tomada da tradição hispânica, que, por sua vez, foi fortemente influenciada pela tradição francesa. Sobre o tratamento da metalinguagem da definição na tradição (meta)lexicográfica hispânica, cf. Seco (2003), Porto Dapena (2000) e Martínez de Souza (2009); sobre o tratamento da metalinguagem da definição na tradição (meta)lexicográfica francesa, cf. Rey-Debove (1971; 1989).

⁸ Seco (2003, p.32) assegura que “a comutabilidade é o banco de provas da definição” [la sustituibilidad es el banco de pruebas de la definición]. Canellada (1988, p.130), por sua vez, corrobora essa afirmação: “[A] lei da comutabilidade é a que prova definitivamente a validade de uma definição” [La ley de la sustituibilidad es la que prueba definitivamente la validez de una definición]. A esse respeito, Weinreich (1967, p.39) já expressava uma opinião fundamentalmente contrária à anterior, argumentando que os dicionários estão limitados pelo fato de que “a definição deve ser um sintagma endocêntrico, sujeito aos papéis sintáticos correntes da língua-objeto, um sintagma funcionalmente equivalente aos termos definidos. [...] Essa convenção, embora favoreça a elegância, parece convir à demanda de intermutabilidade entre o termo e sua definição, o que é irrisório em se tratando de línguas naturais” [the definition must be an endocentric phrase, subject to the rules of ordinary object-language syntax, a phrase functionally equivalent to the defined terms. (...) This convention, though conducive to elegance, seems due to a claim of interchangeability between the term and its definition, which is preposterous for natural languages].

como a igualdade estabelecida entre o *definiendum* – elemento a ser definido, situado ao lado esquerdo da equação sêmica – e *definiens* – elemento definidor, situado ao lado direito da equação sêmica (cf. FREGE, 1962; REY-DEBOVE, 1966)⁹.

Seco (2003, p.33-34), levando em consideração a distinção entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo, estabelece uma oposição entre “palavras definíveis” – às quais corresponderiam as definições próprias – e “palavras indefiníveis” – às quais, por sua vez, corresponderiam as definições impróprias. Em outros termos: as palavras lexicais (ou “expressões com significado”, entre as quais, incluem-se, tradicionalmente, os substantivos, adjetivos, verbos e, em parte, também os advérbios) definir-se-iam em metalinguagem de conteúdo, ao passo que as palavras gramaticais (ou “expressões sem significado”, representadas, também tradicionalmente, pelas demais classes de palavras) deveriam definir-se tão somente em metalinguagem de signo.

Farias (2014a), no entanto, questiona a posição de Seco (2003) e argumenta em favor da refutação da oposição “palavras definíveis”/“palavras indefiníveis” – o que não afeta absolutamente a distinção entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo, aliás, extremamente útil para a prática lexicográfica¹⁰. Em primeiro lugar – e como a discussão sintetizada na seção anterior deixou claro –, não é possível sustentar uma distinção *stricto sensu* entre palavras lexicais e gramaticais. Mais especificamente no que concerne à tarefa de elaborar definições, a insustentabilidade da distinção proposta no âmbito das teorias lexicológicas tradicionais reflete-se no fato de que nem sempre as palavras lexicais se deixam definir por metalinguagem de conteúdo¹¹, e, por outro lado, as palavras gramaticais, podem, em muitos casos, definir-se mediante uma paráfrase em metalinguagem de conteúdo¹². Assim, pois, o âmbito de aplicação de cada uma das metalinguagens não será tão estrito.

Em segundo lugar, a oposição entre “palavras definíveis” e “indefiníveis” supõe a existência de um grupo fixo de palavras/expressões que se deixam definir mediante metalinguagem de conteúdo (as “palavras/expressões definíveis”) e outro grupo fixo de palavras/expressões que não se deixam definir mediante metalinguagem de conteúdo (as “palavras/expressões indefiníveis”). Essa oposição, contudo, acarreta dois problemas. Por um lado, sabemos, em função do exposto

⁹ Sobre a “sinonímia” entre os dois termos da equação sêmica e o problema da predicação em dicionários de língua, cf. Wiegand (1999) e Seco (2003).

¹⁰ Sobre a relevância da distinção entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo para a (meta)lexicografia e sua aplicação no âmbito de uma teoria da definição lexicográfica, cf. Bugueño Miranda (2009) e Farias (2013, p.197-219).

¹¹ Exemplos de “palavras gramaticais” para as quais a solução mais eficiente seria uma definição em metalinguagem de signo são os adjetivos relacionais.; p.ex.: *trabalhista* “Relativo ao direito do trabalho” (AuE, 2009, s.v., ac.5).

¹² Há preposições e conjunções para as quais, muitas vezes, é possível apresentar definições em metalinguagem de conteúdo como veremos nas próximas seções.

no tópico anterior, que não se pode estabelecer aprioristicamente um conjunto de palavras às quais convém uma “definição” propriamente dita, oposto a outro conjunto de palavras às que convém uma “explicação”. Por outro lado, e, talvez, o mais grave, ao estabelecer-se a oposição entre palavras “definíveis” e “indefiníveis”, não se explica o que se deve entender por *indefinível*. Supondo, no entanto – e, de fato, isto procede –, que Seco (2003) fundamenta essa oposição na clássica distinção entre significado lexical e significado categorial, de forma que se considerariam “palavras indefiníveis” as que apresentassem apenas significado categorial, e que, portanto, aceitariam apenas definições em metalinguagem de signo, voltaríamos à questão anterior. Isso significa que nos encontramos diante de uma espécie de círculo vicioso.

Existem palavras lexicais que se definem com mais propriedade mediante metalinguagem de signo. Comparemos, a título de ilustração, a definição em (1) com as definições em (2):

(1) *bicho* “Bras. Gír. Tratamento cordial, dado, geralmente, a pessoas íntimas; meu amigo, meu chapa; amigo, bichão” (AuE, 2009, s.v., ac.13)

(2) *aquela* “Indica pessoa ou coisa mais ou menos afastada, ou como que afastada, do sujeito falante e do ouvinte, ou de quem ambos já ouviram falar (ou apenas o primeiro ouviu, e supõe que também o segundo), dando, aproximadamente, neste último caso, a ideia de ‘conhecido’, ‘famoso’”; “Refere-se a pessoa ou coisa dantes mencionada, e equivale a σ^2 (3)”; “Indica pessoa ou coisa mais ou menos afastada, no contexto”; “Indica afastamento no tempo”; “Em relação a duas pessoas ou coisas já referidas, indica a primeira delas, por oposição a *este*, que indica a mais próxima”; “Indica afetividade” (AuE, s.v., ac. 1, 2, 3, 4, 5, 6)

A unidade léxica definida em (1) é tradicionalmente considerada uma palavra lexical, enquanto a definida em (2), tradicionalmente considerada uma palavra gramatical. Entretanto, a definição apresentada em (1) é, de certa forma, análoga às definições apresentadas em (2). Em ambos os casos, encontramos-nos, efetivamente, não com “definições” propriamente ditas, mas com “explicações”. Se levamos às últimas consequências a distinção de Seco (2003), estaríamos forçosamente admitindo que a expressão *bicho* não é definível, ou, em outros termos, é uma “expressão sem significado”. Concebê-lo, no entanto, seria absurdo, pois, embora a definição seja apresentada em metalinguagem de signo, é possível apreender um “conteúdo semântico”. Uma prova cabal disso é a possibilidade de definição em metalinguagem de conteúdo:

(3) *bicho* “*gír.* o mesmo que *cara*; indivíduo, pessoa (usado para os dois gêneros)” (MiE, 2009, s.v., ac.14)

A definição apresentada em (3) corresponde a uma paráfrase por sinônimos, que, tal como uma proposição, corresponde a uma definição em metalinguagem de conteúdo. A única ressalva, no caso da definição transcrita *ad supra*, diz respeito ao fato de que a expressão de equivalência entre *definiendum* e *definiens* está explícita e expressa linguisticamente: “o mesmo que”. A expressão de equivalência – ou predicação – nos dicionários de língua está implícita na “equação sêmica” originada entre o termo a ser definido e sua respectiva definição e, portanto, normalmente, não aparece expressa linguisticamente no dicionário.

Acerca da distinção entre ambos os tipos de metalinguagem, Rey-Debove (1971, p.172) assevera que:

A metalinguagem de conteúdo é um enunciado que restitui o conteúdo do signo, SEM FALAR DO SIGNO. A metalinguagem de signo é um enunciado que fala do signo informando sobre o conteúdo do signo. [...] a metalinguagem de signo pode substituir a metalinguagem de conteúdo, mas não o contrário.¹³

Dessa forma, *todas as palavras* poderiam ser definidas por meio de metalinguagem de signo. Rey-Debove (1971), no entanto, corroborando as palavras de Weinreich (1967), adverte que:

Trata-se, pois, de avaliar a necessidade da metalinguagem de signo, de observar se será sempre facultativa, e se não, em quais casos é obrigatória. Começar-se-á por afirmar que é sempre possível, posto que a metalinguagem de signo está destinada especialmente ao discurso sobre os signos. Nada impede de definir *esquilo* como “Nome de um animal pequeno...”, ou “Palavra de frequência *n* que significa...” etc., afastando-se tanto quanto se deseje da análise do conteúdo: em última instância, tem-se uma definição de palavra como a caracterizamos [...]. Nenhuma das definições em metalinguagem de signo constitui uma análise semântica estrita; ela sempre contém outra coisa. Essencialmente uma informação sobre o emprego do signo (diz-se de, serve para, assinala etc.) e sobre a classe do signo (palavra, nome, onomatopeia etc.) [...]. A comparação das definições de *DFC* e *PL* demonstra-nos, por outro lado, que ela não é indispensável – isso já se sabe –, na maioria dos casos. (REY-DEBOVE, 1971, p.249-250)¹⁴

¹³ [La métalangue de contenu est un énoncé qui restitue le contenu du signe SANS PARLER DU SIGNE. La métalangue de signe est un énoncé qui parle du signe, éventuellement en informant sur le contenu du signe. [...] la métalangue de signe peut relayer la métalangue de contenu, mais non l'inverse].

¹⁴ [Il s'agit donc d'estimer la nécessité de la métalangue de signe, de voir si elle est toujours facultative, et si non, dans quels cas elle est obligatoire.

On commencera par affirmer qu'elle est toujours possible, puisque la métalangue de signe est spécialement destinée au discours sur les signes. Rien n'empêche de définir *Écureuil* par «Nom d'un petit animal...», ou «Mot de fréquence *n* qui signifie...» etc., en s'éloignant autant qu'on le veut de l'analyse du contenu: à la limite, on a une «définition de mot» telle que nous l'avons caractérisée [...]. Aucune des définitions en métalangue de signe ne constitue une stricte analyse sémantique; elle contient toujours autre chose. Essentiellement une information sur l'emploi du signe (se dit, sert à, marque etc.) et sur la classe du signe (Mot, nom, onomatopée etc.) [...]

Em uma definição como a de *bicho* em (1), o emprego da metalinguagem de signo não é, portanto, um indício da “indefinibilidade” da palavra – nos termos que propõe Seco (2003) – tampouco um equívoco metodológico, como o mesmo autor defende. A metalinguagem de signo não somente é aceitável nesse caso, como se justifica plenamente, tendo em conta a dupla função que cumpre, ou seja, informa sobre o “significado”, ou “conteúdo semântico”, do signo-lema, ao mesmo tempo em que indica como se emprega. Proporciona-se, assim, ao usuário, além de uma informação estritamente semântica, também informações pragmáticas. A metalinguagem de conteúdo, por outro lado, e como fica claro com o exemplo em (3), não permitiria fazê-lo. Trata-se, portanto, de uma adequação da metalinguagem da definição ao tipo (ou aos tipos) de informação que se quer (ou se deve) oferecer ao usuário.

3 O TRATAMENTO DAS PALAVRAS GRAMATICAIIS NOS DICIONÁRIOS SEMASIOLOGICOS

A amplitude e imprecisão do conceito *palavra gramatical* acarreta a impossibilidade de se determinar com exatidão à qual grupo de palavras o conceito poderia ser aplicado. O panorama do estado da arte em relação ao tratamento das unidades léxicas tradicionalmente consideradas “palavras gramaticais” – ao menos, aquelas sobre as quais há um mínimo consenso – exigiu que restringíssemos nosso objeto de estudo às conjunções. Para tanto, a metodologia consistiu na seleção das conjunções aditivas (*and, und, et, e(d), y/e e e*) e adversativas (*but, aber, mais, ma, pero e mas*) mais frequentes em cada uma das línguas analisadas. A fim de traçar o panorama geral almejado, analisamos dicionários das principais tradições lexicográficas de línguas indo-europeias, selecionando dois entre os mais prestigiados títulos de cada uma dessas tradições. Chegamos a um total de 12 obras, elencadas a seguir: OEDe e CDAEe (inglês), DUWe e DBW (alemão), PRob e DHaLF (francês), ZVLI e VTLIe (italiano), DRAEe e DUEe (espanhol) e AuE e HouE (português)¹⁵.

3.1. ANÁLISE HOLÍSTICA DOS DADOS

Em Farias (2015), levou-se a cabo exclusivamente uma análise de tipo holístico, cujos resultados serão reproduzidos nesta seção. A análise dos dados restringiu-se a identificar e elencar os tipos de paráfrases/mecanismos explanatórios empregados em cada uma das obras:

La comparaison des définitions de *DFC* et *PL* nous montre, d'autre part, qu'elle n'est pas indispensable – ce qu'on savait déjà –, dans la majorité des cas]

¹⁵ O material analisado está disponível integralmente em anexo.

1. Os dicionários das seis tradições lexicográficas empregam, indistintamente, tanto definições “impróprias” (em metalinguagem de signo) como definições próprias (em metalinguagem de conteúdo). Enquanto as paráfrases impróprias correspondem, aproximadamente, às chamadas “instruções de uso” (cf. FORNARI, 2009) [p.ex.: *und* “drückt aus, dass jmd., etwas zu jmdm., etwas hinzukommt oder hinzugefügt wird” (DBW, s.v., ac. 1.a)], as paráfrases “próprias” constituem uma enumeração de sinônimos [p.ex.: *e* “e no entanto, e contudo; e apesar disso” [AuE, s.v., ac.3)].
2. Os dicionários das seis tradições lexicográficas analisadas empregam mecanismos explanatórios complementares às paráfrases de forma mais ou menos abundante. Esses mecanismos complementares são, nominalmente, exemplos¹⁶ [*y* “U. para unir palabras o cláusulas en concepto afirmativo. Si se coordinan más de dos vocablos o miembros del período, solo se expresa, generalmente, antes del último. *Ciudades, villas, lugares y aldeas. El mucho dormir quita el vigor al cuerpo, embota los sentidos y debilita las facultades intelectuales*” (DRAEe, s.v., ac.1)] e pré- e pós-comentários¹⁷ [*e* “Con valore rafforz.: [...] | In espressioni correl. introduce due elementi ai quali si vuole dare particolare rilievo (*e mangia e si lamenta di ingrassare; e uno piange e l'altro strilla*) oppure assume il significato di ‘sia...sia’, ‘sia...che’, ‘tanto... quanto’ con valore aggiuntivo (*vuole e questo e quello; e d'estate e d'inverno*) o disgiuntivo (*e che vi piaccia e che non vi piaccia*)” (ZVLI, s.v., ac.2)]. Embora os exemplos sejam visivelmente mais frequentes (estão presentes em 100% dos verbetes analisados, acompanhando quase a totalidade das acepções descritas em cada uma das obras), também é possível encontrar um número significativo de pré- e pós-comentários.

A análise holística dos dados revelou uma série de problemas em relação à descrição semântica das conjunções nas obras analisadas – que são, em geral, compartilhados pelos verbetes de outras unidades léxicas tradicionalmente classificadas como palavras gramaticais¹⁸.

No atinente às paráfrases explanatórias, empregam-se, aparentemente de forma aleatória, paráfrases em metalinguagem de signo (fórmulas introduzidas, por exemplo, por “usado para [...]”,

¹⁶ Considera-se como exemplo todo e qualquer enunciado completo, excerto de enunciado ou mesmo sintagma que acompanhe (ou, em casos excepcionais substitua) a paráfrase definidora, sem outra função aparente que auxiliar na elucidação do significado da unidade léxica definida (a esse respeito, cf. FARIAS, 2008; 2015c).

¹⁷ Pré- e pós-comentários são informações que – neste caso específico – acompanham a informação oferecida no comentário semântico – que tem como núcleo e principal representante a paráfrase definidora (para uma introdução à terminologia (meta)lexicográfica pertinente à microestrutura, cf. WIEGAND, 1989a; BUGUEÑO MIRANDA, 2004). Pré- e pós-comentários são noções tomadas de Wiegand (1989b) que Farias (2011; 2013) trata de sistematizar no âmbito de um modelo geral para a apresentação de mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos.

¹⁸ Cf., por exemplo, Wiegand (1982) e Wolski (1989), a respeito de advérbios/elementos modalizadores em dicionários semasiológicos; Fornari (2009) sobre conjunções e preposições; Lang (1989), para outra visão acerca das conjunções; e, finalmente, Farias (2014a), para um panorama geral acerca da descrição do significado de unidades léxicas normalmente “parafraseadas” em metalinguagem de signo.

“expressa (que) [...]”, “serve para [...]”) e paráfrases em metalinguagem de conteúdo (nesse caso, exclusivamente, definições por meio de sinônimos). Com efeito, a diversidade de técnicas definitórias evidencia a dificuldade que o lexicógrafo encontra ao tentar oferecer paráfrases elucidativas para essa classe de palavras – fato que se torna ainda mais aparente nas situações em que os dois tipos de paráfrases são combinados no verbete.

O emprego frequente de mecanismos explanatórios complementares às paráfrases indica que, efetivamente, existe uma dificuldade clara em se definir as conjunções – e, de um modo mais amplo, as palavras gramaticais. Não obstante, é possível notar, no caso dos exemplos, um uso excessivo desse mecanismo explanatório – característica marcante dos dicionários de inglês, francês e italiano – sem que se evidencie a funcionalidade¹⁹ desse segmento informativo na microestrutura das obras analisadas. Assim, produz-se um “inchaço” desnecessário da microestrutura, mediante a introdução de vários enunciados/trechos de enunciados/sintagmas com a função de ilustrar um único (contexto de) emprego da unidade léxica em questão (cf., por exemplo, em anexo, os verbetes *and* e *but* de OEDe, *e* e *ma* de ZVLI e VTLIe, que ilustram perfeitamente o problema mencionado). A formulação de verbetes muito extensos – que, não raramente, ocupam várias colunas do dicionário com a superespecificação de acepções, que parece tentar dar conta do maior número possível de contextos de emprego do signo-lemma – aliado ao uso excessivo de elementos tipográficos²⁰ para salientar os diferentes tipos de informação/os diversos segmentos informativos, acabam perturbando a leitura e diminuindo a probabilidade de satisfazer as necessidades de consulta do usuário (cf., por exemplo, em anexo, os verbetes *et* e *mais* de PRob).

Em relação aos pré- e pós-comentários, ressalta-se – ademais de problemas relativos ao “inchaço” microestrutural, mencionados anteriormente (cf., por exemplo, em anexo, o verbe *y* de DUEe) – a assistemática, do ponto de vista tanto formal como de conteúdo, na apresentação dessa informação. Isso, no entanto, já era esperado, devido à carência de estudos sobre a possibilidade de inserção desses segmentos informativos nos verbetes de dicionários de língua (cf. FARIAS, 2011).

Ainda que o excesso de informações nos verbetes possa ser explicado pela dificuldade intrínseca à descrição semântica de unidades léxicas como as conjunções, não é completamente justificável do ponto de vista (meta)lexicográfico. Ao dicionário como instrumento de descrição linguística corresponde o nível do saber idiomático, e não o nível do saber expressivo. Em termos concretos, isso equivale a dizer que o dicionário deve apresentar *significados* – ou seja, os “conteúdos

¹⁹ Sobre a funcionalidade das informações em dicionários de língua, cf. Bugueño Miranda & Farias (2006; 2008a).

²⁰ Sobre a importância bem como os problemas concernentes ao emprego de elementos tipográficos em dicionários de língua, cf. Bray (1989), Martínez de Souza (1995, s.v. *diccionario*) e Farias (2009, p.60-66).

semânticos” delimitados no âmbito de uma língua (funcional) específica – e não *sentidos* – ou seja, os distintos empregos que de um determinado significado podem ser feitos no nível do texto/discurso. Em muitos casos, no entanto – e como a análise dos verbetes selecionados permite concluir –, os dicionários parecem descrever distintas possibilidades de emprego das conjunções em questão (*sentidos*), em vez de descrever o “conteúdo semântico” básico do signo-lemma (*significado*), que viabiliza suas distintas possibilidades de emprego.

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS: AVALIAÇÃO DAS PARÁFRASES DEFINIDORAS

No que concerne à análise qualitativa dos dados, nos ateremos às paráfrases definidoras, uma vez que as investigações acerca da formulação de segmentos microestruturais dedicados à apresentação de mecanismos explanatórios complementares/alternativos à definição – mormente, exemplos e pós-comentários – ainda se encontram em estágio incipiente, sobretudo no âmbito da (meta)lexicografia brasileira²¹.

As paráfrases em metalinguagem de signo, de acordo com a solução mais amplamente aceita no âmbito (meta)lexicográfico, correspondem à maneira “tradicional” de definir palavras gramaticais. As paráfrases em metalinguagem de signo apresentadas para as conjunções correspondem, normalmente, como já dissemos, a uma espécie de instrução para o usuário a respeito do(s) contexto(s) de emprego(s) da unidade léxica e/ou de seus possíveis valores. Esse tipo de paráfrase – além de sua tendência intrínseca à opacidade (cf. FARIAS, 2008; 2013) – muitas vezes não alcança seu objetivo de maneira exitosa, ou porque sua formulação utiliza termos especializados de difícil compreensão para o consultante sem conhecimentos prévios de linguística (cf. (4) e (5)), ou ainda porque se apresentam redigidas de maneira prolixa ou, mesmo, equivocada (cf. (6) e (7)).

(4) *y*² “Sirve para unir palabras o frases en relación de coordinación copulativa” (DUEe, s.v.)

(5) *et* “Conjonction de coordination qui sert à lier les parties du discours, les propositions ayant même fonction ou même rôle et à exprimer une addition, une liaison, un rapprochement” (PRob, s.v.)

²¹ Para uma introdução ao problema da apresentação de exemplos em dicionários semasiológicos, cf. Farias (2008; 2013, p.335-348; 2015c). Sobre a formulação de segmentos microestruturais destinados à apresentação de pós-comentários, cf. Wiegand (1989b) e Farias (2011; 2013, p.348-363).

(6) *und* “verbindet einen Hauptsatz mit einem vorhergehenden; kennzeichnet ein zeitliches Verhältnis, leitet eine erläuternde, kommentierende, bestätigende o. ä. Aussage ein, schließt eine Folgerung oder einen Gegensatz, Widerspruch an” (DUWe, s.v., 2.a)

(7) *mais* “Marque una restriction, une différence” (DHALF, s.v., ac.1)

Por outro lado, as paráfrases em metalinguagem de conteúdo – que, evidentemente, no caso das conjunções, jamais poderiam corresponder à fórmula *genus proximum et differentia(e) specifica(e)* –, ao conformarem definições por meio de sinônimos, estão sempre sujeitas a todos os problemas desse tipo de paráfrase, tais como a geração de círculos viciosos – da qual não trataremos aqui (a esse respeito, cf. MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición lingüística; definición por sinónimos*). Um dos principais problemas encontrados nos verbetes analisados – aliás, recorrente também em dicionários de sinônimos e/ou antônimos (cf. BUGUEÑO MIRANDA & FARIAS, 2008b) – é a sinonímia cumulativa, na maioria das vezes, sem qualquer informação adicional a respeito de matizes de significação/de contexto de uso do sinônimo apresentado. Acerca dos problemas acarretados pela sinonímia cumulativa, destaca-se, antes de tudo, a impossibilidade de sinonímia perfeita, de modo que os “sinônimos” oferecidos não podem substituir o signo-lemma em todos os contextos, ou, ao menos, não sem alterar o sentido do enunciado:

(8) *mas*¹ “[...] porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo” (AuE, s.v., ac.1)

Para ilustrar, tomaremos o exemplo da conjunção *mas* no seguinte enunciado:

(9) Era inteligente, *mas* arrogante.

A substituição da conjunção adversativa *mas*, no mesmo enunciado, por outras conjunções (ou expressões conjuntivas) que, de acordo com as informações contidas no verbete de AuE, também apresentam valor adversativo, pode alterar significativamente o sentido do enunciado (ponto de vista estritamente semântico) ou sua intenção (ponto de vista pragmático). Além disso, nem sempre as propostas “sinonímicas” apresentadas são viáveis do ponto de vista sintático. Isso indica que as conjunções/expressões conjuntivas apresentam um “conteúdo semântico” particular e não completamente equivalente ao de seus “sinônimos”:

(10) Era inteligente, *todavia* arrogante.

(11) Era inteligente, *entretanto* arrogante.

(12) Era inteligente, *no entanto* arrogante.

Assim, pois, a definição por sinônimos no caso das palavras gramaticais – ou, ao menos, a apresentação exclusiva de sinônimos, sem combiná-la com uma paráfrase em metalinguagem de signo – perde força diante da “instrução de uso” – desde que, claro está, esta esteja bem redigida.

Um segundo problema concernente à sinonímia cumulativa é a apresentação de designações marcadas diassistemicamente e/ou que não correspondam ao mesmo nível de língua do signo-lema, o que contribuiria para gerar um problema extra no caso da produção linguística:

(13) *aber*¹ “[...] allein (*geh.*), dabei, dennoch, doch, freilich, gleichwohl, immerhin, indes[sen] (*geh.*), schließlich, trotzdem” (DBW, s.v.)

Por fim, o terceiro problema detectado em relação à sinonímia cumulativa refere-se a um dos princípios definitórios básicos, que preconiza, justamente, que uma unidade léxica sempre deverá ser definida por outras mais simples (leia-se: mais frequentes), o que seria praticamente impossível no caso das conjunções analisadas. Nos exemplos apresentados a seguir, esse problema fica mais do que evidente:

(14) *but*¹ “Nevertheless; however”; “On the contrary; in contrast” (OEDe, s.v., ac.1.1, 1.2)

4 ESBOÇO DE UM MODELO PARA O TRATAMENTO DE PALAVRAS GRAMATICAIIS EM DICIONÁRIOS SEMASIOLOGICOS

Apresentaremos, aqui, os fundamentos de um modelo preliminar para a otimização da descrição semântica de palavras gramaticais em dicionários semasiológicos, tendo em vista, por um lado, os problemas identificados em relação ao tratamento lexicográfico das conjunções, e, por outro, a tendência das investigações no âmbito (meta)lexicográfico nas últimas décadas, que, ao deslocar a figura do usuário para o centro das discussões, passa também a privilegiar a produção de obras monofuncionais, e não mais polifuncionais (cf., p.ex., WIEGAND, 1998; BERGENHOLTZ & TARP, 2003; BUGUEÑO MIRANDA, 2007). Em outro sentido, a atenção

dispensada à figura do usuário também acaba gerando a necessidade de se pensar de forma mais cuidadosa a seleção e apresentação da informação nos dicionários de língua, em todos os níveis – ou seja, macro, micro e medioestrutural (cf., p.ex., TARP, 2006; 2008; 2011; TARP & GOUWS, 2010; 2012). Falamos, nesse caso, em funcionalidade da informação – definida em termos de discreção e discriminância e determinada em função da tríade tipo de dicionário/perfil de usuário/função(ões) do dicionário (cf. BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2006; 2008a).

Um modelo (meta)lexicográfico para a descrição de palavras gramaticais, a nosso ver, deve desenvolver-se nos limites de uma teoria (meta)lexicográfica integral – como, aliás, todo e qualquer modelo (meta)lexicográfico – e, ao mesmo tempo, nos limites de uma teoria geral dos mecanismos explanatórios.

Uma teoria (meta)lexicográfica integral – tal como a concebemos no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Metalexigrafia e Lexicografia – deve estar sustentada por três pilares fundamentais: (a) a definição taxonômica do dicionário, (b) o perfil do usuário e (c) a(s) função(ões) do instrumento a ser elaborado (cf. FARIAS, 2009, p.33-55). A definição taxonômica consiste em uma classificação de acordo com um sistema de critérios pré-determinados, que possibilita a atribuição de traços específicos a um dado genótipo lexicográfico (cf. BUGUEÑO MIRANDA, 2014). A delimitação do perfil do usuário, por sua vez, resulta um pouco mais complexa. Apesar de o usuário ser uma figura central no âmbito das mais recentes pesquisas em (meta)lexicografia, ainda não se dispõe de instrumentos que possam auxiliar na delimitação das necessidades dos consulentes, muito menos no reconhecimento de suas estratégias de busca²². Por fim, as duas principais funções de uma obra lexicográfica são: (a) auxiliar na compreensão linguística e (b) auxiliar na produção linguística. Essas funções “primárias”, por assim dizer, podem desdobrar-se – ou especializar-se – de acordo com o tipo de obra e o perfil de usuário²³.

Os fundamentos da “teoria geral dos mecanismos explanatórios” propostos em Farias (2013) partem do princípio de que se deve ultrapassar os limites de uma teoria da definição, integrando-se, assim, outros mecanismos capazes de auxiliar na elucidação do significado. Dessa forma, deve-se, primeiramente, distinguir entre unidades léxicas “passíveis de uma definição elucidativa” e unidades léxicas “propensas a definições não elucidativas”. O passo seguinte seria, pois, propor uma parametrização do emprego de mecanismos explanatórios complementares/alternativos às paráfrases definidoras (ilustrações, exemplos, pré- e pós-comentários), que possam ser empregados para auxiliar a elucidar o significado de unidades léxicas

²² Para um panorama atual das pesquisas acerca do usuário de dicionários, cf. Wiegand (1998) e Welker (2006).

²³ Cf., por exemplo, Tarp & Gouws (2010; 2012), Bugueño Miranda & Farias (2013) e Farias (2014b; 2015a) sobre a definição de funções de dicionários escolares.

“propensas a definições não elucidativas”. A parametrização do emprego de mecanismos explanatórios complementares/alternativos às paráfrases definidoras deve, claro está, respaldar-se em um modelo (meta)lexicográfico integral – no âmbito do qual, aliás, deve engendrar-se a teoria geral dos mecanismos explanatórios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos até agora no desenvolvimento da pesquisa revelam um panorama bem complexo em relação à descrição semântica das palavras gramaticais. Do ponto de vista lexicológico/semântico, embora não questionemos em absoluto a validade da distinção estabelecida entre significado lexical e significado categorial, sabemos já que a oposição que daí se deriva entre expressões “que significam” e expressões “que não significam” – que fazemos corresponder, aqui, respectivamente, aos conceitos de “palavras lexicais” e “palavras gramaticais” – além de não se sustentar, tampouco contribui muito na tarefa de descrição do conteúdo semântico das unidades léxicas.

Por sua vez, do ponto de vista estritamente (meta)lexicográfico, em primeiro lugar, a relação que se estabelece tradicionalmente entre palavras lexicais/definições em metalinguagem de conteúdo e palavras gramaticais/definições em metalinguagem de signo nem sempre se verifica na prática. Em segundo lugar, do ponto de vista prático, o panorama do estado da arte da descrição lexicográfica de palavras gramaticais revela (a) uma assistemática na seleção tanto das paráfrases como de mecanismos explanatórios complementares/alternativos, (b) um inchaço microestrutural resultante do anseio por oferecer a maior quantidade de informações possível em cada verbete, dificultando sua leitura, e (c) a falta de garantia de êxito na descrição semântica das palavras gramaticais, em decorrência tanto do excesso de informações como dos problemas na formulação das paráfrases.

Por fim, ainda que o problema teórico em relação à definição de *palavra gramatical* diminua as possibilidades de obter uma solução completamente satisfatória no que concerne à sua descrição lexicográfica, acreditamos que os fundamentos do modelo lexicográfico esboçado na última parte deste artigo poderiam contribuir para a otimização dos resultados obtidos, ou, no mínimo, para conferir uma maior sistematicidade na apresentação das informações semânticas referentes às palavras gramaticais nos dicionários semasiológicos.

REFERÊNCIAS

AuE. FERREIRA, A.B.H; ANJOS, M; FERREIRA, M.B (Coord.). *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2009. 1 CD-ROM

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. Two opposing theories: On H. E. Wiegand's recent discovery of lexicographic functions. *Hermes Journal of Linguistics*, n.31, 2003. p.171-196

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários. Uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

BRAY, L. Consultabilité et lisibilité du dictionnaire: aspects formels. In: HAUSMANN, F.J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band 1. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p.135-146.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Notícia sobre o comentário de forma e o comentário semântico em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Expressão*, v.8, n.1, 2004. p.89-93.

_____. A definição do perfil de usuário e a função da obra lexicográfica em um dicionário de aprendizes. *Expressão*, v.11, n.2, 2007. p.89-101.

_____. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*, v.53, n.1, p.243-260, 2009.

_____. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. *Alfa*, v.58, n.1, 2014. p.215-231.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V.S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, n.18, 2006. p.115-135.

_____. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. In: BEVILACQUA, C.R. et al. *Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC; NUT, 2008a. p.129-167 (Disponível em: <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPEd.pdf>; acesso em: 25.10.2008)

_____. O ensino de português e os dicionários escolares: Um segmento informativo da microestrutura para fins de produção textual. *Polifonia*, n.15, 2008b. p.1-14.

_____. Sobre las palabras y su clasificación según su contenido. Los problemas para el lexicógrafo. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, n.29, p.9-19, 2011.

_____. Proposta de um modelo de avaliação de dicionários escolares de língua portuguesa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 14, SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 9, 2013, Uberlândia. *Anais*, Uberlândia: EDUFU, 2013. p.1-20. (Disponível em: http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/?doing_wp_cron=1404187503.2084469795227050781250; acesso em: 30.01.2014).

BUßMANN, H. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 4.Aufl. Stuttgart: Alfred Kröner, 2008.

CANELLADA, M. J. Problemas de los diccionarios. *NRFH*, v.36, n.1, p.123-130, 1988.

CDAEe. LANDAU, S. (Ed.). *Cambridge Dictionary of American English*. 7.ed. Cambridge: CUP, 2006. 1 CD-ROM.

COSERIU, E. El estudio funcional del vocabulario (compendio de lexicografía). In: COSERIU, E. *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid: Gredos, 1978. p.206-239.

CRYSTAL, D. *A dictionary of language*. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
DBW. DUDEN. *Das Bedeutungswörterbuch*. 4. Aufl. Mannheim: Bibliographisches Institut, 2010.

DHALF. MÉVEL, J.P.; GAILLARD, B. (Dir.). *Dictionnaire Hachette*. Paris: Hachette, 2012.

DRAEe. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 22.ed. Madrid: Espasa-Calpe, 2001. (Disponível em: www.rae.es; acesso em: 24.08.2015).

DUEe. MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2001. 1 CD-ROM.

DUWe. DUDEN. *Duden online*. Berlin: Dudenverlag, 2015. (Disponível em: www.duden.de; acesso em: 21.08.2015).

FARIAS, V.S. O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Alfa*, v.52, n.1, 2008. p.101-122.

_____. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

_____. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. *ReVEL*, v.9, n.17, 2011. p.109-139 (Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_consideracoes_preliminares.pdf; acesso em: 07.01.2013).

FARIAS, V.S. *Sobre a definição lexicográfica e seus problemas. Fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos*. 399 f. Tese (Doutorado em Lexicografia e Terminologia) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

_____. O legado das teorias lexicológicas tradicionais para a práxis lexicográfica: uma discussão sobre a metalinguagem da definição (com ênfase nos dicionários de língua espanhola). *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v.19, n.2, 2014a. p.151-177 (Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/6192>; acesso em: 07.09.2015).

_____. Descrição do léxico em dicionários escolares: Proposta para o *layout* de verbetes de substantivos, adjetivos e verbos. *Travessias*, v.8, n.3, 2014b. p.522-549.

_____. A política de distribuição de dicionários de língua portuguesa para alunos da educação básica no Brasil: Revisão dos parâmetros de avaliação e seleção de obras à luz de uma teoria metalexicográfica. In: ENCONTRO DO CELSUL, 11, 2014, Chapecó. *Anais*, Chapecó: UFFS, 2015a. p.1-20 (Disponível em: http://www.celsul.org.br/evento/anais_celsul_2014/231-c250b4701136dced05a2c657b141df9f.pdf; acesso em: 07.09.2015)

_____. A descrição de palavras gramaticais em dicionários semasiológicos: O estado da arte na prática lexicográfica e projeções para o futuro. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 19, 2015, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF - Lexicografia*,

lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015b. p.54-76 (Disponível em: http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/02/004.pdf; acesso em: 15.08.2016)

_____. Para uma teoria do exemplo lexicográfico. Formas e funções da exemplificação em dicionários semasiológicos. *D.E.L.T.A.*, 2015c. [em avaliação editorial]

FORNARI, M. K. O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais: discussão teórica e análise de verbetes. *Revista Travessias*, v.3, n.3, p.167-199, 2009. (Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3463/2757>; acesso em: 15.02.2013)

FREGE, G. *Grundgesetze der Arithmetik*. Band 1. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1962.

GLÜCK, H. (Hrsg.). *Metzler Lexikon Sprache*. 4.Aufl. Stuttgart: Metzler, 2010.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London; New York: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. J. Von der Unmöglichkeit der kontrastiven Lexikologie. In: KROMANN, H-P.; KJÆR, A. L. (Hrsg.). *Von der Allgegenwart der Lexikologie: kontrastive Lexikologie als Vorstufe zur zweisprachigen Lexikographie*, Akten des internationalen Werkstattgesprächs zur kontrastiven Lexikologie, 29.-30.10.1994 in Kopenhagen. Tübingen: Max Niemeyer, 1995. p.19-23.

HouE. HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. (Dir.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

LANG, E. Probleme der Beschreibung von Konjunktionen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, F.J. et al. (Hrsg.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band I. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p.862-868.

LUTZEIER, P. R. *Linguistische Semantik*. Stuttgart: Metzler, 1985.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

_____. *Manual básico de lexicografía*. Gijón: Ediciones Trea, 2009.

MATTHEWS, P. *The Concise Oxford Dictionary of Linguistics*. Oxford; New York: OUP, 1997.

MiE. MICHAELIS. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1999. 1 CD-ROM.

OEDe. SIMPSON, J.; WEINER, E. *The Oxford English Dictionary*. 2.ed. Oxford: OUP, 1989-2015. (Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/us>; acesso em: 22.08.2015).

PALMER, F. R. *Semantics*. 2.ed. Cambridge: CUP, 2001.

PORTO DAPENA, J. A. Metalenguaje y lexicografía. *Revista de Lexicografía*, n.6, p.127-151, 2000.

ProB. LE ROBERT. *Le Nouveau Petit Robert*. Paris: Le Robert, 2011.

REY-DEBOVE, J. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. *Cahiers de Lexicologie*, v.8(1), 1966. p.71-94.

_____. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. The Hague; Paris: Mouton, 1971.

_____. La métalangue lexicographique: formes et fonctions en lexicographie monolingue. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band 1. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p.305-312.

SCHIFKO, P. Lexicología y semántica. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, C. (Hrsgn.). *Lexikon der romanistischen Linguistik*. Band 6/1. Tübingen: Max Niemeyer, 1992. p.132-148.

SECO, M. *Estudios de Lexicografía Española*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2003.

TARP, S. Lexicografía de aprendizaje. *Cadernos de Tradução*, n.18, 2006. p.295-317.

_____. Desafíos teóricos y prácticos de la lexicografía de aprendizaje. In: BEVILACQUA, C.R. et al. *Lexicografía Pedagógica: Pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC; NUT, 2008. p.46-73 (Disponível em: <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf>; acesso em: 25.10.2008).

_____. Pedagogical lexicography: Towards a new and strict typology corresponding to the present state-of-the-art. *Lexikos*, n.21, 2011. p.217-231.

TARP, S.; GOUWS, R.H. Skoolwoordeboeke vir huistaalleerders van Afrikaans. *Lexikos*, n.20, 2010. p.466-494.

_____. School dictionaries for first-language learners. *Lexikos*, n.22, 2012. p.333-351.

ULRICH, W. *Wörterbuch linguistischer Begriffe*. 5.Aufl. Berlin; Stuttgart: Gebrüder Borntraeger, 2002. VTLIe. ISTITUTO DELLA ENCICLOPEDIA ITALIANA. *Vocabolario Treccani della lingua italiana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1998. (Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/>; acesso em: 24.08.2015).

WEINREICH, U. Lexicographic definition in descriptive semantics. IN: HOUSEHOLDER, F.W.; SAPORTA, S. *Problems in Lexicography*. Bloomington: Indiana University; Mouton & Co., 1967. p.25-44.

WELKER, H.A. *O uso de dicionários*. Brasília: Thesaurus, 2006.

WIEGAND, H.E. Zur Bedeutungserläuterung von Satzadverbien in einsprachigen Wörterbüchern. Ein Beitrag zur praktischen Lexikologie. In: MENTRUP, W. (Hrsg.). *Konzepte zur Lexikographie. Studien zur Bedeutungszerklärung in einsprachigen Wörterbüchern*. Tübingen: Max Niemeyer, 1982. p.103-132.

_____. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, F.J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band 1. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989a. p.409-462.

_____. Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, F.J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band 1. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989b. p.462-501.

_____. *Wörterbuchforschung. Untersuchungen zur Wörterbuchbenutzung, zur Theorie, Geschichte, Kritik und Automatisierung der Lexikographie*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1998.

_____. Synonymy and its Role in Monolingual Lexicography. In: IMMKEN, A.; WOLSKI, W. (ed.). *Semantics and Lexicography. Selected Studies (1976-1996)*. Tübingen: Max Niemeyer, 1999. p.11-53.

WOLSKI, W. Die Beschreibung von Modalpartikeln im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, F.J. et al. (Hrsgs.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Band I. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p.805-814.

ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. Prague; Paris: Academia; Mouton, 1971.

ZVLI. ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2011.

APÊNDICE

I. DICIONÁRIOS DE INGLÊS

1. OEDe

and conjunction **1** Used to connect words of the same part of speech, clauses, or sentences that are to be taken jointly: 'bread and butter' 'red and black tiles' 'they can read and write' 'a hundred and fifty' 'The shop, which sells donated books and CDs, helps owners on benefits to pay for treatment for sick pets' 'He and I had been friends for a long time' 'He was wearing a navy blue and green anorak' **SYNONYMS** together with, along with, whit, as well as, in addition to, also; besides, furthermore; informal plus **1.1** Used to connect two clauses when the second happens after the first: 'he turned around and walked out' 'she washed and dried her hair' 'I opened the door and looked around' 'The man then ran towards a waiting car and was driven away by someone else' 'I lifted my arm and wiped my eyes with my sleeve' **1.2** Used to connect two clauses, the second of which results from the first: 'do that once more, and I'll skin you alive' 'But the fun had gone out of it and the next day we did not travel' 'Early successes in some areas were dramatic, and by the early 1960s malaria was reduced to very low levels in certain countries' 'Don't take the movie too seriously, and you might enjoy it too' **1.3** Connecting two identical comparatives, to emphasize progressive change: 'getting better and better' 'he felt more and more like an outsider' 'Spamming is getting worse and worse - and more profitable for spammers' 'This case just continues to get more and more complex' 'Meeting the needs of a growing population will require the country to sink further and further into debt' **1.4** Connecting two identical words, implying great duration or great extent: 'I cried and cried' 'it takes hours and hours' 'I've been a humongous fan of his music for years and years' 'I ran and ran until I reached the outskirts of the forest' 'This was a very flat land - he could see for miles and miles, it seemed' **1.5** Used to connect two identical words to indicate that things of the same name or class have different qualities: 'all human conduct is determined or caused - but there are causes and causes' 'But there are arguments and arguments, and it may be said that I have fastened on the wrong one' 'There are Christians and Christians, as there Jews and Jews' 'You lie, we lie, everybody lies - but there are lies and lies' **1.6** Used to connect two numbers to indicate that they are being added together: 'six and four make ten' 'She's sick of spending her lunches with people that are so stupid they can't add two and two' 'I believe that four and four are eight' 'I know that two and two make four - and should be glad to prove it too if I could' **1.7** archaic Used to connect two numbers, implying succession: 'a line of men marching two and two' 'The knights come riding two and two' **2** Used to introduce an additional comment or interjection: 'if it came to a choice - and this was the worst thing - she would turn her back on her parents' 'they believe they are descended from him, and quite right, too' 'He's a crook, a bit nutty, and rightly did time for his crimes' 'He plays the piano 'badly and vulgarly,' and what is worse, he plays Grieg' 'As an incentive, a customer that brings friends - and hopefully sales - to a party may receive additional discounts' **2.1** Used to introduce a question in connection with what someone else has just said: "I

found the letter in her bag.” “And did you steam it open?” “I’ve just needed some time to myself to think about us” “And have you reached a conclusion” “He wanted to know if I wanted to be his partner for a social project” “And what did you say?” “They are going to put my client out of business” “And where is the evidence of that, Mr. Adams?” **2.2** (Especially in broadcasting) used to introduce a statement about a new topic: ‘*and now to the dessert*’ ‘*And now, the Page Six report*’ ‘*And next, we’re going to go live to California for the very latest on the wildfires that are threatening celebrity mansions*’ ‘*Anyway, thank you for your lovely review! And here is the next chapter*’ **3** *informal* Used after some verbs and before another verb to indicate intention, instead of “to”: ‘*I would try and do what he said*’ ‘*come and see me*’ ‘*We’re going to see a day where 100,000 people come and worship with us on a weekend, between our five services*’ ‘*Our primary objective right now is to try and market the region as a whole*’ ‘*The experts also advise that you try and keep your cool*’ [...]

but¹ **conjunction 1** Used to introduce something contrasting with what has already been mentioned **SYNONYMS** yet, nevertheless, nonetheless, even so, however, still, notwithstanding, despite that, in spite of that, for all that, all the same, just the same; though, although **1.1** Nevertheless; however: ‘*he stumbled but didn’t fall*’ ‘*this is one principle, but it is not the only one*’ ‘*I would have liked to have had a longer deal but the get out clauses were prohibitive*’ ‘*We can destroy with a cutting quip or a damning phrase but nobody expects us to create*’ ‘*We continued to talk all though the lesson, but there was no mention of the dance*’ **1.2** On the contrary; in contrast: ‘*I am clean but you are dirty*’ ‘*the problem is not that they are cutting down trees, but that they are doing it in a predatory way*’ ‘*They are not creating any value but on the contrary they are a drag on our resources*’ ‘*Mick Nolan kept a clean sheet but he had the advantage of a superb back sextet in front of him*’ ‘*Simon Moore was pulled back when clean through, but play was allowed to continue*’ **SYNONYMS** whereas, conversely, but then, then again, on the other hand, by/in contrast, on the contrary **2** [WITH NEGATIVE OR IN QUESTIONS] Used to indicate the impossibility of anything other than what is being stated: ‘*one cannot but sympathize*’ ‘*there was nothing they could do but swallow their pride*’ ‘*they had no alternative but to follow*’ ‘*Cause and effect are related in such a way that, if the first occurs, the second cannot but occur*’ ‘*This is another one of those Korean films that you cannot but have mixed feelings about*’ ‘*She knew he did not want to go, but she could still not help but feel anger at him*’ **3** Used to introduce a response expressing a feeling such as surprise or anger: ‘*but that’s an incredible saving!*’ ‘*but why?*’ ‘*We did not know what to expect, but what a fantastic surprise night, it was a real thrill*’ ‘*It is also very funny, but don’t be surprised if you have to cross a protest line to see it*’ ‘*I was slow to acknowledge their response as I broke my leg, but thank you, one and all*’ **4** Used after an expression of apology for what one is about to say: ‘*I’m sorry, but I can’t pay you*’ ‘*I’m sorry, but she laughs in her sleep and can never remember the joke in the morning*’ ‘*I apologise but it’s being moved to a new server and should be up again by Saturday*’ ‘*Sorry to be repetitive but this guy was in the tube in Russel Square when the bomb went off*’ **5** [WITH NEGATIVE] *archaic* Without its being the case that: ‘*it never rains but it pours*’ ‘*Her Own Tribesmen Never but Say Her Age Is 300 Yaers*’ ‘*I did read the names that one time, and never but that one time*’ [...]

2. CDAEe

and¹ (ALSO) [...] *conjunction* (used to join two words, phrases, or parts of sentences) in addition to; also: *boys and girls*; *We were tired and hungry*. And can be used when you add numbers: *Three and two are five*. **And so on** or **and so forth** means together with other things: *Kids need to learn how to treat people, deal with things, and so on and so forth*. **2** (THEN) [...] *conjunction* (used to join two parts of a sentence, one part happening after or because of the other part) after that; then: *I met Jonathan, and we went out for a cup of coffee*. **3** (TO) [...] *conjunction informal* (used after some verbs) to, or in order to: *Let’s try and get tickets for the hockey game tonight*. **4** (VERY) [...] *conjunction* (used to join two words, esp. two that are the same, to make their meaning stronger): *The sound grew louder and louder*. **and/or** [...] *conjunction* (used to refer to both things or either one of the two mentioned) either "and" or "or": *If the game is canceled, you will get a refund and/or new tickets*.

but¹ (DIFFERENCE) [...] *conjunction* used to express a difference or to introduce an added statement: *You can take Route 14 to get there, but it may take you a little longer. We enjoyed our vacation a lot, but it was expensive. [...]*

II. DICIONÁRIOS DE ALEMÃO

1. DUWe

und *Konjunktion* **1. a.** verbindet nebenordnend einzelne Wörter, Satzteile und Sätze; kennzeichnet eine Aufzählung, Anreihung, Beiordnung oder eine Anknüpfung: *du und ich; gelbe, rote und grüne Bälle; Äpfel und Birnen; Männer und Frauen; sie traf ihren Chef und dessen Frau; essen und trinken; von und nach Berlin; Tag und Nacht; Damen- und Herrenfriseur; ihr geht zur Arbeit, und wir bleiben zu Hause; ich nehme an, dass sie morgen kommen und dass sie helfen wollen;* (veraltet mit Inversion) *wir haben uns sehr darüber gefreut, und danken wir Dir herzlich;* in formelhaften Verknüpfung: *und Ähnliches; und [viele] andere [mehr]; und dergleichen; und so fort* (Abkürzung: *usf.*); *und so weiter* (Abkürzung: *usw.*); *und, und, und* (umgangssprachlich emotional; *und dergleichen mehr*); bei Additionen zwischen zwei Zahlen: *drei und (plus) vier ist sieben* **b.** verbindet Wortpaare, die Unbestimmtheit ausdrücken Beispiele: *aus dem und dem/jenem Grund; um die und die Zeit; er sagte, er sei der und der* **c.** verbindet Wortpaare und gleiche Wörter und drückt dadurch eine Steigerung, Verstärkung, Intensivierung, eine stetige Fortdauer aus Beispiele: *sie kletterten hoch und höher; das Geräusch kam näher und näher; es regnete und regnete* **2. a.** verbindet einen Hauptsatz mit einem vorhergehenden; kennzeichnet ein zeitliches Verhältnis, leitet eine erläuternde, kommentierende, bestätigende o. ä. Aussage ein, schließt eine Folgerung oder einen Gegensatz, Widerspruch an: *sie rief, und alle kamen; die Arbeit war zu Ende, und deshalb freute sie sich sehr; er hielt es für richtig, und das war es auch;* elliptisch, schließt eine Folgerung an: *noch ein Wort, und du fliegst raus!;* elliptisch, verknüpft meist ironisch, zweifelnd, abwehrend o. ä. Gegensätzliches, unvereinbar Scheinendes: *er und hilfsbereit!; ich und singen? – Ich kann nur krächzen;* leitet einen ergänzenden, erläuternden o. ä. Satz ein, der durch einen Infinitiv mit »zu«, seltener durch einen mit »dass« eingeleiteten Gliedsatz ersetzt werden kann: *sei so gut und hilf mir;* tu mir den Gefallen und halt den Mund! **b.** leitet einen Gliedsatz ein, der einräumenden, seltener auch bedingenden Charakter hat: *du musst es tun, und fällt es dir noch so schwer; er fährt, und will er nicht, so muss man ihn zwingen;* **c.** leitet, oft elliptisch, eine Gegenfrage ein, mit der eine ergänzende, erläuternde o. ä. Antwort gefordert oder durch die eine gegensätzliche Meinung kundgetan wird: »Das muss alles noch weggebracht werden.« – »und warum?«; »Die Frauen wurden gerettet« – »Und die Kinder?«

aber¹ *Konjunktion* **1. a.** drückt einen Gegensatz aus, [je]doch, dagegen: *heute nicht, aber morgen; er schlief, sie aber wachte* **b.** drückt aus, dass etwas der Erwartung nicht entspricht; indessen, [je]doch: *es wurde dunkel, aber wir machten kein Licht* **2. a.** drückt eine Einschränkung, einen Vorbehalt, eine Berichtigung, Ergänzung aus; doch, jedoch, allerdings: *arm, aber nicht unglücklich* **b.** drückt die Anknüpfung, die Weiterführung aus; jedoch: *als es aber dunkel wurde, machten sie Rast* **3. a.** drückt einen Einwand, eine Entgegnung aus: *einer von uns muss es aber gewesen sein; aber warum denn?; »Es wird schon klappen.« – »Aber wenn es doch schiefeht?«*

2. DBW

und *Konj.:* a) *drückt aus, dass jmd., etwas zu jmdm., etwas hinzukommt oder hinzugefügt wird: ich traf den Chef und seine Frau auf der Straße; arme und reiche Leute; es ging ihr besser, und sie konnte wieder arbeiten; und, und, und* (ugs. emotional; *und dergleichen mehr*); (bei Additionen zwischen zwei Zahlen:) *drei und (plus) vier ist sieben. auch, außerdem, darüber hinaus, des*

Weiteren, plus³, samt, sowie, überdies, wie, zugleich, zusätzlich, zuzüglich. b) *dient der Steigerung und Verstärkung, indem es gleiche Wörter verbindet: nach und nach; sie überlegte und überlegte, aber das Wort fiel ihr nicht ein.* c) *drückt einen Gegensatz aus; aber: alle verreisen, und ich allein soll zu Hause bleiben?* d) *(in Konditionalsätzen) selbst wenn: man muss es versuchen, und wäre es noch so schwer.* e) *(elliptisch) verknüpft (meist ironisch, zweifelnd, abwehrend o. Ä.) Gegensätzliches, unvereinbar Scheinendes: du und hilfsbereit!; ich und singen?*

aber¹ Konj.: dagegen; jedoch, doch, allerdings: er schlief, aber sie wachte/sie aber wachte; heute nicht, aber morgen; du kannst ja mitgehen, aber ich habe keine Lust; er ist streng, aber gerecht; das Unternehmen war schwierig, aber es glückte/es glückte aber; es ist aber so!; aber das stimmt doch gar nicht!; da es aber dunkel wurde, rasteten sie; im Winter reise ich nicht gern, wohl aber im Sommer; Zeit hätte ich schon, aber keine Lust; sie hat zwar Zeit zum Reisen, aber kein Geld. allein (geb.), dabei, dennoch, doch, freilich, gleichwohl, immerhin, indes[en] (geb.), schließlich, trotzdem.

III. DICIONÁRIOS DE FRANCÊS

1. PRob

et [...] conj. [...] ◻ Conjonction de coordination qui sert à lier les parties du discours, les propositions ayant même fonction ou même rôle et à exprimer une addition, une liaison, un rapprochement. ▪ **1** Reliant des mots ou des groupes de mots de même catégorie • (Exprimant des éléments de même nature). *Paul et Virginie. Le meunier, son fils et l'âne. Toi et moi. Faire vite et bien.* « Je payerai la demoiselle ; Et je l'épouserai » **BEAUMARCHAIS**. ► **puis**. *Cela et le reste.* ► **et cætera**. *Deux et deux font quatre.* ► **plus**. *Cela n'est pas et ne sera pas.* ► **ni**. *Vous mentez l'un et l'autre.* ► **comme**. *Plus je le fréquente et plus je l'apprécie. J'a l'accepté. Et vous ?* – (avec nuance d'insistance) *C'est fini, et bien fini.* – **LITTÉR.** **Devant chaque terme d'une énumération** « *Cette mince et pâle et fine Juliette* » **FRANCE**. – **Reliant deux sujets séparés par un verbe** « *Albe le veut, et Rome* » **CORNEILLE**. – **SPÉCIALT.** *Il y a parfum et parfum, mensonge et mensonge* : tous les parfums, tous les mensonges ne sont pas identiques. • (Rapprochant des éléments différents ou opposés). « *Je plie, et ne romps pas* » **LA FONTAINE**. ► **mais**. *Nous t'hébergeons et tu nous voles.* ► **pourtant**. « *Le peuple n'a guère d'esprit, et les grands n'ont point d'âme* » **LA BRUYÈRE**. ► **alors** (que). • **Signe typographique représentant le mot et.** ► **esperluette**. ▪ **2** Reliant deux parties de nature différente. *Un gilet long et sans manches.* « *Les esprits justes, et qui aiment à faire des images* » **LA BRUYÈRE**. *Il parle l'anglais, et couramment.* – *Tu as accepté ? - Et après*?* ▪ **3 Dans des nombres composés VX** « *la règle des vingt et quatre heures* » **CORNEILLE**. • **MOD.** Joint un aux dizaines (sauf dans quatre-vingt-un) et dans *soixante et onze. Vingt et un, trente et un.* **LITTÉR.** *Les Mille et Une Nuits.* – **Devant la fraction d'un nombre fractionnaire.** *Et demi**. *Quatre heures et quart** (cf. *Un* quart*). *Deux heures et demie. Deux pages un cinquième, ou et un cinquième.* ◻ **En début de phrase avec une valeur emphat.** *Et voici que tout à coup il se met à courir.* ► **alors**. « *Et je pleurais ! et je me trouvais à plaindre et la tristesse osait approcher de moi !* » **ROUSSEAU**. *Et les enfants de* crier ! Et comment* ! Et alors ?* **FAM.** *Et d'un(e), et de deux...* **Mettant en évidence un processus.** *Et d'un tu parles trop, et de deux, on m'a tout raconté. [...]*

mais [...] ◻ conj. [...] ▪ **1** Marquant une transition, en tête de phrase ► **et**. *Mais, dites-moi. Mais c'est de la folie ! Mais encore* ? Mais enfin* ! (POP. m'enfin !).* « *Mais enfin, comment la chose s'est elle passée ?* » **DAUDET**. ▪ **2** Introduit une idée contraire à cette qui a été exprimée. « *Les privilèges finiront, mais le peuple est éternel* » **MIRABEAU**. *Après une négation Ce n'est pas ma faute mais la tienne ! Je n'en veux pas un, mais deux. Ce n'est pas un accident, mais bien un crime. Mais au contraire.* ▪ **3** Introduit une restriction, une correction, une addition, une précision indispensable. *Elle n'est pas belle, mais elle a du charme* (Cf.

En compensation, par contre, en revanche). *Incredibile, mais vrai.* ► **cependant, néanmoins, pourtant, toutefois.** « *J'embrasse mon rival, mais c'est pour l'étouffer* » **RACINE.** « *Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre* » **MUSSET.** *C'est mon avis, mais tu fais ce que tu veux.* ► **maintenant.** *Non seulement... mais, mais encore, mais aussi, mais même, mais en outre.* ■ **4** Introduit une objection (notamment sous forme interrog.). *Mais n'étiez-vous pas au courant ? – Je ne dis pas, mais... Oui mais... [...]*

2. DHaLF

et conj. Lie des parties du discours (mots, propositions). *Vous avez tort et vous le regretterez.* **LOC Et commercial:** syn. d'esperluette. – **Et/ou :** indique que les deux termes coordonnés le sont soit par « et » soit par « ou ». [...]

mais conj. **1** Marque una restriction, une différence. *Elle est riche mais avare.* **2** Donne une explication. *Il a été puni mais il l'avait mérité.* **3** Marque una transition. *Mais qu'ai-je dit?* **4** Employé avec une interjection, marque la surprise ou le mécontentement. *Ah mais!* **LOC litt N'en pouvoir mais :** n'y pouvoir rien. [...]

IV. DIZIONÁRIOS DE ITALIANO

1. ZVLI

e [...] **cong.** [...] **1** Con valore coordinativo e aggiuntivo unisce semplicemente due o più elementi di una prop. che abbiano la stessa funzione (sostantivi, aggettivi, predicati, pronomi, avverbi, complementi) oppure due o più prop. della stessa specie: *la luna e il sole; Franco e Flavia; rosso e azzurro; bello e buono; è un lavoro utile e bello; noi e voi; presto e bene; a te e per te; gioca e si diverte molto* | Se gli elementi coordinati sono più di due la cong. precede in genere l'ultimo; viene invece ripetuta davanti a ogni elemento quando si voglia ottenere un particolare effetto stilistico: *un uomo, una donna e un bambino; bianco, rosso e verde; adesso, domani e sempre; esta selva selvaggia e aspera e forte* (DANTE *Inf.* I, 5); *e resiste e s'avvanza e si rinforza* (T. TASSO); *a poco a poco cominciò poi a scoprir campanili e torri e cupole e tetti* (A. MANZONI). **2** Con valore rafforz.: *bell'e fatto; bell'e finito; bell'e andato; bell'e morto; tutti e due; tutt'e tre; tutt'e quattro* | (*rafforz. ed enfat.*) Al principio di un periodo: *e tu dov'eri allora?; e ho avuto cuore di abbandonarla?* (U. FOSCOLO); *e l'acqua cade su la morta estate* (G. PASCOLI) | In espressioni correl. introduce due elementi ai quali si vuole dare particolare rilievo (*e mangia e si lamenta di ingrassare; e uno piange e l'altro strilla*) oppure assume il significato di 'sia...sia', 'sia...che', 'tanto... quanto' con valore aggiuntivo (*vuole e questo e quello; e d'estate e d'inverno*) o disgiuntivo (*e che vi piaccia e che non vi piaccia*). **3** Ma, invece, mentre (con valore avversativo e antitetico): *lo credevo sincero e non lo è affatto; tutti lavorano e tu te ne stai lì a guardare* | Eppure: *sapeva bene di sbagliare, e l'ha fatto ugualmente; non t'incresca restare a parlar meco; / vedi che non incresce a me, e ardo!* (DANTE *Inf.* XXVII, 24). **4** Ebbene (con valore enfat. Ed esortativo): *vuoi proprio comprarlo? E compralo!; e deciditi dunque! E sta un po' fermo!; e smettila!; e vattene!* **5** Più (nell'addizione, nella composizione dei numerali, nell'indicazione di pesi e misture): *tre e due. cinque; mille e duecento; cento e due; quattro chili e seicento; un metro e ottanta.* **6** †Allora, in tal caso, ebbene (con valore correl.): *quando questo fatto avrai, e io ti dirò il rimanente* (G. BOCCACCIO). **7** †Anche: *se pure questo v'è all'animo di volere essere moglie e marito insieme, e a me* (G. BOCCACCIO). **8** †Ecco che: *Com'io tenea levate in lor le ciglia, / e un serpente con sei piè si lancia* (DANTE *Inf.* XXV, 49-50). **9** †Cioè: *la qual tu puoi, tornando al tuo fattore, / lasciasti in terra, e quel soave vello* (F. PETRARCA).

ma' [...] **cong.** **1** Esprime, con valore avversativo più o meno esplicito, contrapposizione tra due elementi di una stessa proposizione o tra due proposizione dello stesso genere: *è povero ma generoso; non per sfiducia ma per precauzione; non di te mi lamento ma di lui; fai come vuoi, ma ricorda i miei consigli; sembra*

felice, ma non lo è; esco volentieri, ma non di sera. SIN. Bensì, però, tuttavia | (*colloq.*) Con valore rafforz. in unione con avverbi o con altre cong.: *ma anche; ma quando; ma però; ma tuttavia; ma nondimeno; ma bensì.* **2** In principio di frase indica, con più forza della cong. 'e', il passaggio ad altro argomento: *ma torniamo al discorso di prima; ma ammettiamo, se volete, che sia innocente; ma ecco che si avvicina uno sconosciuto* | (*colloq.*) Con valore enfat., o anche iron., in espressioni interrogative, dubitative ed esclamative: *ma cosa pretendi?; ma se lo sanno tutti!; ma cosa mi dici!; ma come!; ma certo!; ma quando mai?; ma bravo, bene!; ma va là!; ma no!; ma che bel bambino!; ma chi credi di essere?* **3** Con valore rafforz. e intens. spec. in unione con aggettivi o avverbi: *ti ho detto che è veloce, ma veloce davvero; una persona antipatica, ma veramente antipatica; ci vuole gente, ma gente di fegato. [...]*

2. VTLIe

e [...] cong. [...] **1.** La più comune fra le congiunzioni; ha funzione semplicem. aggiuntiva, serve cioè a unire due parti del discorso che nella proposizione compiono il medesimo ufficio (*io e tu, un foglio e una busta; bello e buono; mangiare e bere, svogliatamente e a malincuore*, ecc.) o due proposizioni coordinate (*chi va piano va sano e va lontano*). Quando sono accostati più elementi coordinati, la *e* precede di solito soltanto l'ultimo termine (*ieri, oggi, domani e sempre*), ma non di rado si ripete più volte per maggiore efficacia, e si ha allora la figura grammaticale detta *polisindeto*; per es.: *E mangia e bee e dorme e veste panni* (Dante); *e che tutti i parrochi d'intorno accorrevano, anche più da lontano; e che non bisognava stare indietro; e che questo, e che quest'altro; e imbarcarmi in un affare di questa sorte!* (Manzoni). Seguita da parola con consonante scempia iniziale ne produce (per assimilazione della *-t* etimologica) il rafforzamento fonosintattico, espresso dall'ortografia nelle parole composte (es. *eppure*), altrimenti sottinteso (es. *carta e penna* ⟨*kàrta e ppénna*⟩). Davanti a vocale assume talvolta la forma eufonica *ed*, spec. davanti a un'altra *e*: *ed egli, Mario ed Elena, ed ora.* **2.** Usi particolari: **a.** In correlazione con *tra* o *fra*: *tra sé e sé; fra un albero e l'altro.* **b.** In locuzioni con numerali, senza una vera e propria funzione congiuntiva: *tutti e due, tutti e tre* (anche *tutt'e due, tutt'e tre*), ecc.; e valore rafforzativo ha in locuzioni quali *bell'e fatto, bell'e andato* e sim. **c.** Anticam. ebbe pure sign. di «anche», come il lat. *et*. Può introdurre inoltre frasi antitetiche, col sign. di «ma, invece» (*vogliono che io taccia, e io parlerò; ha promesso di venire e non s'è visto*), di «eppure» (*Vedi che non incresce a me, e ardo* [Dante]; *E tu degnasti assumere Questa creata argilla* [Manzoni]); di «mentre» (*tutti lavorano, e tu stai con le mani in mano*). **d.** In altri casi esprime risoluzione, e corrisponde a «ebbene»: *Vuoi venire con me? E vieni!* **e.** Acquista una singolare efficacia in principio di periodo, in frasi contenenti un'interrogazione o un rimprovero: *E tu dov'eri allora?; E tu questo lo chiami lavorare?; E sta' zitto!; E che la cosa non si ripeta più!* **3.** In matematica la cong. *e*, conformemente al suo comune valore aggiuntivo, si usa nel senso di «più»: per es. $5 + 2 = 7$ si legge brevemente 5 e 2, 7. ◆ Per *e commerciale*, v. et.

ma' cong. [...] **1.** Congiunzione coordinativa avversativa, esprime spesso esplicita contrapposizione al termine che precede, il quale è per lo più espresso negativamente: *Non fronda verde, ma di color fosco; Non rami schietti, ma nodosi e 'nvolti; Non pomi v'eran, ma stecchi con tòscò* (Dante); *non per crudeltà della donna amata, ma per soverchio fuoco nella mente concetto* (Boccaccio); *non fiori ma opere di bene; lo pensavo amico, ma ho dovuto ricredermi; è cosa incredibile, ma vera.* Talvolta sta in luogo della semplice cong. *e*, per introdurre una conseguenza diversa da quella che potrebbe più ovviamente supporre: *ho bussato, ma nessuno mi ha risposto; sono anni che glielo ripeto, ma non mi dà ascolto.* Altre volte serve a precisare, a distinguere, togliendo o aggiungendo qualche cosa al già detto: *ci restano alcune opere, ma frammentarie; è un'osservazione ovvia, ma forse non inutile; ne prenderò, ma solo un poco; non solo gli offrì il conforto della sua amicizia, ma fu generoso di aiuti;* come equivalente di un *anzi* correttivo o rafforzativo: *non probabile, ma certo, direi; non è bella, ma bellissima.* Ciò che si vuol negare o correggere può essere sottinteso: *un caffè, ma bollente davvero* (e non per modo di dire); *corri di là, ma di volata!* È spesso rafforzata da avverbi avversativi: *ma nondimeno, ma tuttavia, ma pure, ma però;* quest'ultima

espressione, tradizionalmente considerata scoretta, è frequentissima nell'uso parlato, come equivalente del semplice *ma*; non ne mancano tuttavia anche esempi letterari: *Ma però di levarsi era neente* (Dante); *cose da levarsi l'allegria per tutta la vita; ma però, a parlarne tra amici è un sollievo* (Manzoni).

2. a. In principio di periodo, si usa per indicare passaggio ad altro argomento, o per sollecitare il ritorno all'argomento che interessa: *Ma torniamo al nostro assunto...*; *Ma chi del canto mio piglia diletto, Un'altra volta ad ascoltarlo aspetto* (Ariosto); «*Ma, a lavarsi ha provato?*» «*Nossignore*» (Fucini); *Ma ecco ...*, per iniziare il racconto di un fatto nuovo, inaspettato. Talvolta dà l'avvio a frasi concessive: *Ma ammettiamo pure che tu abbia ragione: resta sempre a vedere se...* Nella seconda proposizione di un sillogismo o in dimostrazioni matematiche, serve a indicare un trapasso logico: *A è uguale a B; ma B è per ipotesi uguale a C, dunque ...*

b. Nell'uso fam., introduce proposizioni esclamative esprimenti opposizione, contrarietà: *Ma che ragioni sono queste!*; *Ma che mi vai raccontando!*; *Ma che difficoltà o impedimenti! è la voglia che ti manca* (il solo *ma che!*, con valore di forte negazione, si scrive per lo più in una parola: v. *macché*). Talvolta, sempre nell'uso fam., serve a introdurre un'obiezione: *Ma se mi avevi detto tu stesso ch'eri d'accordo!*; oppure una frase che suona rimprovero, ammonimento, comando: *Ma Giovanni, che dici?*; *Ma insomma!*; *Ma via!*; *Ma smettila una buona volta!* Con funzione rafforzativa di aggettivi, avverbî, predicati, ha ora valore affermativo (*Ma certo!*; *Ma è chiaro!*); ora ironico (*Ma bene!*; *Ma bravo!*; *Ma quanto sei carino!*); ora esprime ammirazione o meraviglia (*Ma che bel bambino!*; *Ma non è ancora contento?*). [...]

V. DICIONÁRIOS DE ESPANHOL

1. DRAEe

y² [...] **1.** conj. copulat. U. para unir palabras o cláusulas en concepto afirmativo. Si se coordinan más de dos vocablos o miembros del período, solo se expresa, generalmente, antes del último. *Ciudades, villas, lugares y aldeas. El mucho dormir quita el vigor al cuerpo, embota los sentidos y debilita las facultades intelectuales.* **2.** conj. copulat. U. para formar grupos de dos o más palabras entre los cuales no se expresa. *Hombres y mujeres, niños, mozos y ancianos, ricos y pobres, todos viven sujetos a las miserias humanas.* Se omite a veces por asíndeton. *Acude, corre, vuela. Ufano, alegre, altivo, enamorado.* Se repite otras por polisíndeton. *Es muy ladino, y sabe de todo, y tiene una labia...* **3.** conj. copulat. U. a principio de período o cláusula sin enlace con vocablo o frase anterior, para dar énfasis o fuerza de expresión a lo que se dice. *¡Y si no llega a tiempo! ¿Y si fuera otra la causa? ¡Y dejas, Pastor santo...!* **4.** conj. copulat. Denota idea de repetición indefinida, precedida y seguida por una misma palabra. *Días y días. Cartas y cartas.*

pero³ [...] **1.** conj. advers. U. para contraponer a un concepto otro diverso o ampliativo del anterior. *El dinero hace ricos a los hombres, pero no dichosos. Le injurié con efecto, pero él primero me había injuriado a mí.* **2.** conj. advers. U. a principio de cláusula sin referirse a otra anterior, para dar énfasis o fuerza de expresión a lo que se dice. *Pero ¿dónde vas a meter tantos libros? Pero ¡qué hermosa noche!* **3.** conj. advers. desus. **sino** (¶ para contraponer a un concepto negativo otro positivo). **4.** m. coloq. Defecto u objeción. *Este cuadro no tiene pero. Es tan poco amigo de hacer favores, que nunca deja de poner algún pero a todo lo que se le pide.* [...]

2. DUEe

y² [...] conj. Sirve para unir palabras o frases en relación de coordinación copulativa. [...]

□ **Notas de uso**

Lo mismo que las otras conjunciones de esta clase, puede enlazar no solamente oraciones, sino elementos de una misma oración que hacen el mismo papel con respecto al verbo; por esta circunstancia, la sustitución de la oración única por tantas oraciones como elementos hay de esa clase es siempre factible: 'traigo rosas y claveles' equivale a 'traigo rosas y traigo claveles'. A veces, «y» tiene sentido *consecutivo: 'Tengo muchos años y sé más del mundo que tú'; sobre todo cuando una de las oraciones es afirmativa y la otra negativa: 'Conocía al capataz y no se fiaba de él'. También tiene a veces sentido *adversativo: 'Está cansado y (y sin embargo) se empeña en seguir'; sobre todo en frases interrogativas: '¿Dices que sabes tanto y no sabes esto?' En algunos casos tiene valor *concesivo: 'Ande yo caliente y riase (aunque se ría) la gente'. → Et, *que* no.

Se pone «y» entre dos adjetivos aplicados a un mismo nombre o delante del último si son más de dos; igualmente, entre dos complementos del verbo o delante del último si hay varios: 'Era blanco, rubio y de ojos azules. He estado en Madrid, Valencia y Barcelona'. Sin embargo, lo mismo puede emplearse en el uso de esta conjunción la figura retórica llamada «asíndeton», suprimiéndola incluso delante del último de los términos coordinados, que la figura «polisíndeton», repitiéndola delante de todos ellos para dar énfasis a la acumulación: 'Es perezoso, ladrón, descarado... no sé qué hacer con él. Estoy aburrido, y molido, y fastidiado, y con ganas de echarlo todo a rodar'.

En estilo moderno, tiende a descargarse de íes la frase, suprimiéndola tanto delante de un adjetivo que puede considerarse aplicado al total de la expresión que le precede, incluidos en ella otro u otros adjetivos, como a un complemento en caso semejante. Se diría en la actualidad más frecuentemente «planta tropical del género del cañacoro, de fruto comestible», que «planta tropical del género del cañacoro y de fruto comestible».

A veces, se pone «y» al principio de una expresión, de modo que, aparentemente, no enlaza ésta con nada. Se puede suponer que el enlace se realiza mentalmente con algo pensado o dicho antes o por otra persona: 'Y no tardes. ¡Y no me habías dicho nada!'. A veces, no es tan fácil suponer un antecedente tácito y la «y» debe considerarse como una partícula expletiva; como en '¿y todavía no ves la torre del pueblo?' o en '¿y dejas, pastor santo,...?'.
Se usa también expletivamente en lenguaje hablado informal entre una interjección y el complemento de ella: '¡Caramba y qué niña!'.

Delante de palabras que empiezan por «i», la conjunción «y» se transforma en «e». Pero no se hace así en los casos en que «y» está al comienzo de la frase interrogativa: '¿e hiciste eso?', y no '¿y hiciste eso?'; si el choque de íes le resulta incómodo al que habla, deberá buscar otro giro. Tampoco suele sustituirse delante de un nombre propio: 'Son las doce y Irene no está aquí'. Ni delante de la «i» de un diptongo: 'y hiende' y no 'e hiende'.

pero² [...] 1 conj. Es una conjunción *adversativa que expresa que lo que dice la oración a que afecta impide, justifica, compensa, contrarresta o atenúa lo dicho en la oración principal: 'Quería haber ido a verte esta tarde, pero he tenido visitas. La casa es vieja, pero es céntrica. Yo le pegué, pero él me había insultado. Me gusta el café, pero no me conviene. Es rico, pero tiene muchos hijos'. 2 También puede tener valor *concesivo, expresando que lo que dice la oración afectada por «pero» se realiza a pesar de que sería natural otra cosa dado lo dicho en la oración principal: 'Está en Madrid, pero (sin embargo) no le he visto. La casa es pequeña, pero cómoda'. 3 A veces tiene sentido restrictivo: 'Hacerlo si queréis; pero no contéis con mi ayuda. Te lo daré, pero no se lo digas a nadie'. 4 Es una partícula expletiva o enfática usadísima: '¡Pero qué chiquillo más hermoso! ¿Pero cómo te vas a marchar con lo que llueve? Pero vamos a ver... Pero dime... ¡Pero vete de una vez!'. ● A veces expresa *objección o desaprobación: 'Pero él ya lo sabía. ¿Pero qué haces ahí parado?'. Añadiéndole «bueno» se acentúa la participación afectiva del que habla: 'Pero, bueno, ¿es que estoy loco?'. [...]

1. AuE

e [...] Conjunção. **1.** Aditiva: une orações ou palavras: *Antônio viaja e Manuel estuda*; “Fernão Dias Pais Leme os olhos cerra. E morre.” (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 271); *ordem e progresso; cultura e talento*. **2.** Adversativa: mas, porém: *Quis falar, e teve de calar-se*. **3.** Adversativa: e no entanto, e contudo; e apesar disso: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa!” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 105.) **4.** E ainda por cima; e além do mais; e além de tudo: “Não era bonita, não era gaiata, nem tinha fatos garridos; e pobre!... Era o pior, palavra.” (Fialho d’Almeida, *A Cidade do Vício*, p. 109.) **5.** E em consequência: *Procura, e acharás*. **6.** E mais; e ainda: *Esperou meses e meses*. **7.** E em contraste; e em oposição: *Há maridos e maridos*. [...]

mas¹ [...] Conjunção. **1.** Exprime oposição ou restrição; porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo: “Dai-me \a fúria grande e sonora, / E não de agreste avena, ou fruta ruda; / Mas de tuba canora e belicosa, / Que o peito acende, e a cor ao gesto muda.” (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, I, 5); “apanhei o embrulho e segui / Segui, mas não sem receio.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 149); *É bondoso, mas não o demonstra*. **2.** No princípio da oração, indica relação com ideia anterior: — Mas, doutor, por que não a quer tratar? **3.** Exprime causa de uma ação: *Recebi-o mal, mas ele me deu motivos para isso*. **4.** Denota censura a palavras ou ações alheias: — Mas como é que você fala mal do seu amigo?; “— Paulina! — disse Tomás quase em delírio. — Mas para que partes? — continuou Paulina em tom de voz repassada de meiga exprobração.” (Júlio Dinis, *Serões da Província*, I, p. 72). [...]

2. HouE

e [...] conj. **1** um vocábulo ou orações de mesmo valor sintático, indicando: **1.1 conj.adt.** uma conexão ou adição <João e Maria> <chegou, viu e venceu> **1.2 conj.advrs.** uma idéia contrária à que foi expressa; mas, porém; e no entanto, e contudo <ia sair, e choveu> <tão formosa, e gaga!> □ **e comercial** sinal gráfico [&] que substitui a conjunção aditiva *e*, us. modernamente quase que só como ligação nas razões comerciais (p.ex., *Alves & Cia.*) e entre nomes de autores em citações de obras bibliográficas e em nomes científicos de espécies [Em ing.: *ampersand*.] [...]

mas conj.coord. [...] **1 conj.advrs.** liga orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas; contudo, entretanto, todavia, apesar disso, não obstante **1.1 conj.advrs.** com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito **1.1.1 conj.advrs.** após uma negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto <não o fez, m. gostaria de tê-lo feito> **1.1.2 conj.advrs.** classifica o que foi dito como irrelevante, ou contrasta uma interpretação <era negligente e perdulário, m. tinha um coração de ouro> **1.1.3 conj.advrs.** depois de *sim* ou *não*, acrescenta um comentário para indicar que esse *sim* ou esse *não* não expressam perfeitamente o que se quis dizer e que algo mais precisa ser dito <liberdade, sim, m. com limites> <obesa, não, m. um tanto gordinha> **1.1.4 conj.advrs.** indica que se vai passar para outro assunto diferente <a alta do dólar é o tema do dia, m. vamos primeiro ao noticiário local> **1.1.5 conj.advrs.** introduz uma réplica feita a alguém, quando se deseja indicar relutância, descrença, recusa ou protesto <- Agradeço, m. não posso aceitar. - Mas como? Você vai recusar minha oferta?> **1.1.6 conj.advrs.** depois da referência a duas coisas parecidas, menciona a característica que as torna diferentes uma da outra <são ambos esquerdistas, mas um por convicção e o outro por conveniência> <os dois tinham a mesma altura, m. o mais velho era mais gordo> **1.1.7 conj.advrs.** seguindo um pedido de desculpas pelo que se vai dizer, declara o

que se julga necessário <desculpe a franqueza, m. suas perguntas são muito tolas> **1.1.8 conj.advrs.** enuncia opinião ou declaração que normalmente causa espanto, mas cuja importância parece tal que o autor se sente compelido a fazê-la < pode ser uma aberração, m. quanto menos ela gosta de mim, mais eu gosto dela> **1.1.9 conj.advrs.** ante uma determinada situação, enfatiza a surpresa, o espanto ou a admiração que se experimenta <entende-se que ela o deixe por outro, m., bolas, sem qualquer explicação!> **1.1.10 conj.advrs.** introduz a causa que explica uma ação anterior <não me cumprimentou, m. devia estar distraído> [...]